

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Artes
Departamento de Arte Dramática

**A Multiplicidade de um Ator-Artista:
Uma reflexão sobre as relações dentro de um
eterno processo criativo**

Por Pedro Schilling Magalhães
Orientado por Camila Bauer Bronstrup

Porto Alegre, Dezembro de 2019

PEDRO SCHILLING MAGALHÃES

A MULTIPLICIDADE DE UM ATOR-ARTISTA:
UMA REFLEXÃO SOBRE AS RELAÇÕES DENTRO DE UM ETERNO PROCESSO
CRIATIVO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Bauer Bonstrup

PORTO ALEGRE

2019

Pedro Schilling Magalhães

A MULTIPLICIDADE DE UM ATOR-ARTISTA:
UMA REFLEXÃO SOBRE AS RELAÇÕES DENTRO DE UM ETERNO PROCESSO
CRIATIVO

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Teatro apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Bacharel em Teatro.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Camila Bauer Bonstrup – UFRGS (orientadora)

Luciana Morteo Éboli – UFRGS

Mesac Roberto Silveira Jr. – UFRGS

RESUMO

Brincando com o formato de dramaturgia, este trabalho de conclusão de curso tem o intuito de abordar o que constitui um ator-artista. Dentro do teatro temos funções muito bem estabelecidas (atores, diretores, dramaturgos e etc), mas quais são os limites entre uma função e outra? Se utilizando da mescla da realidade com a ficção que a dramaturgia permite, este trabalho reflete sobre essas limites, essas relações, a dor e o sofrimento contidos dentro de tudo isso e, ainda, qual o resultado de tudo dentro de um processo de criação ou formação de um ator. Imbuído das relações como ponto primário, se questiona o que seria “saudável” dentro do processo de formação de um ator, questionando questões como autoria e autoridade dentro do processo e a partir disso borrando os limites entre essas funções já pré-estabelecidas. Na dramaturgia encontramos um Artista que acaba de “desistir do teatro”. Dentro deste Artista, se encontram três partes que constituíram o seu fazer teatral: um Ator, um Diretor e um Dramaturgo. Os três, partes de um mesmo ser - o Artista, se reúnem para tentar descobrir quais foram os pontos da sua formação que podiam ter influenciado nessa desistência. Utilizando da dramaturgia, este trabalho personifica o que seria a multiplicidade de um ator-artista, sendo ele essa mescla de funções que existe hoje no artista teatral contemporâneo.

Palavras-chaves: Teatro; Multiplicidade; Dramaturgia; Ator; Diretor; Dramaturgo; Espectador; Artista; Autoria; Autoridade; Ficção; Realidade; Dor; Sofrimento; Formação; Processo criativo;

ABSTRACT

Playing with the dramaturgy format, this essay is intended to address what constitutes an actor–artist. Within the theater we have very well established roles (actors, directors, playwrights, etc.), but what are the boundaries between one role and another? Using the blend of reality and fiction that dramaturgy allows, this work reflects on these limits, these relationships, the pain and suffering contained within all this and, also, what is the result of everything within a process of creation or formation of an actor. Imbued with relationships as a primary point, it wonders what would be “healthy” within an actor’s formation process, questioning issues such as authorship and authority within the process and thereby blurring the boundaries between these pre-established roles. Within the dramaturgy we find an artist who has just “given up on the theater”. Within this Artist are three parts that constituted his theatrical performance: an Actor, a Director, and a Playwright. The three, parts of the same being – the Artist, come together to try to find out what points of his formation could have influenced this withdrawal. Using dramaturgy, this work personifies what would be the multiplicity of an actor–artist, being this mix of functions that exists today in the contemporary theatrical artist.

Keywords: Theater; Multiplicity; Dramaturgy; Actor; Director; Playwright; Spectator; Artist; Authorship; Authority; Fiction; Reality; Ache; Suffering; Formation; Creative process;

*Ao Teatro que vive dentro de mim,
mais ardente do que nunca!*

SUMÁRIO

PREFÁCIO	8
PRÓLOGO	14
A RE-CONSCIÊNCIA	15
CONSTITUIÇÃO DE ATOR	19
CONSTITUIÇÃO DE DIRETOR	25
CONSTITUIÇÃO DE DRAMATURGO	32
A INCONSCIÊNCIA	38
EPÍLOGO	43
REFERENCIAL TEÓRICO	44

PREFÁCIO

Ao leitor desavisado, apesar deste não ser um TCC “tradicional”, eu também começarei agradecendo.

Preciso agradecer ao Artista que habita dentro de mim.

Preciso agradecer ao Ator, que habita dentro de mim.

Preciso agradecer ao Diretor, Dramaturgo e Espectador que também habitam dentro de mim.

Preciso agradecer a todos que me constituíram como ator - e não foram poucos. Foram professores, colegas, atores e diretores. Foram espectadores, críticos, teóricos e bancas.

Além destes seres que estiveram comigo nas minhas trajetórias, também agradeço a tudo aquilo que este trabalho irá abordar nas suas próximas páginas, direta ou indiretamente.

Começo agradecendo a dor e ao sofrimento, lembrando que, às vezes não damos o devido olhar para eles, enxergando-os apenas como negativos e ruins, o que não é o caso aqui. Sempre evidenciamos aquilo que acreditamos dar certo, aquilo que acreditamos ser positivo dentro do processo, e ao mesmo tempo evitamos a todo o custo falar sobre o sofrimento que existe nele. Depois de estrear, tudo sempre nos parece bonito, acabamos deixando o sofrimento escapar, dando lugar ao prazer que há em terminar um projeto.

Eu mesmo, durante muito tempo, evitei falar sobre isso. E é por isso que uso eles, a dor e o sofrimento, como base para a construção deste trabalho. Ambos têm participação especial nessa constituição que resultou na transição que houve entre o ser adolescente que eu era até o ser artista que sou hoje, ou seja, do início da minha graduação em 2014 até agora, 2019, ano em que encerro este primeiro ciclo com a academia.

Constituir é uma palavra que vocês vão encontrar bastante daqui para frente. De acordo com o dicionário aurélio o significado de constituir é “1 - ser parte essencial de; formar, compor; 2 - organizar,

estabelecer.”¹ A constituição de um artista acontece através de nossas relações. Essa construção nunca é solitária. Ela acontece através da relação que temos com o mundo, com o outro e com a arte. Falo artista e não ator porque quando trabalhamos com teatro as funções naturalmente se confundem dentro de nós. Mesmo que não percebamos nunca nos limitamos a uma única função. O mundo hoje não permite. A precariedade dos recursos hoje destinados a arte e cultura também não nos permite exercer apenas uma função. Sempre nos encontramos flertando com outras funções dentro desse eterno “fazer teatral”, o que também pode ser muito prazeroso.

Por causa disso hoje dentro de mim existem um ator, um diretor e um dramaturgo. Amanhã já não sei... Minha paixão sempre esteve na arte da interpretação. Desde muito cedo na vida dizia que me tornaria ator e nunca tive dúvida disso. Dentro da faculdade, indo ao encontro da dor e sofrimento que a arte e, principalmente, a academia trazem, descobri também outros lados deste ator. Ali, no encontro com a academia, se constituiu um diretor dentro de mim que, também, sempre existiu. Normalmente, eu falo que sou um ator com cabeça de diretor. Esse outro lado do ofício me deslumbrou tanto quanto os que já me deslumbravam. Aos poucos, não satisfeito com dois desdobramentos de mim, descobri um terceiro. A Dramaturgia. Me encantei com a possibilidade de questionar a realidade através da dramaturgia. Então um dramaturgo criava seu espaço dentro de mim.

Justamente por isso intitulei meu trabalho como: “A Multiplicidade de um ator-artista”. Todo ator é artista, mas nem todo artista é ator. Neste trabalho olho para a palavra artista como aquele ser que trabalha e lida com arte, sendo ela qual for. Artista para mim é quase como um conjunto de todos que trabalham com arte. Eu sou um ator por formação e experiência, mas mesmo assim criei a definição ator-artista porque não consigo me definir somente como ator, sendo que essas duas vozes, a de um diretor e um dramaturgo, gritam dentro de mim

¹ (FERREIRA; 1977: p. 122)

tanto quanto a de um ator. Um ator-artista para mim é aquele ator que também estuda e vivencia cada parte da sua arte, o "fazer teatral". Acredito que todos temos dentro de nós essa multiplicidade de pensamentos e questionamentos acerca da arte e o que está envolvido nela. Acredito que todos somos atores-artistas, diretores-artistas e dramaturgos-artistas.

Por isso, quero agradecer à realidade e à ficção também. À realidade por nos dar o material concreto para pesquisa e à ficção por nos permitir refazer a realidade à nossa maneira. Quando me refiro à realidade e à ficção, também falo sobre o que vivenciei no meu trabalho artístico dentro e fora do espaço acadêmico e sobre todas as vezes em que a minha memória mudou uma coisa ou outra, seja para torná-las mais digeríveis, bonitas, interessantes, resultando numa nova realidade. Brincar com a relação entre realidade e ficção foi o que me permitiu levantar questões pertinentes dentro deste trabalho. Questões quais jamais seriam levantadas se me ativesse apenas aos fatos isoladamente.

Também posso dizer que o dramaturgo que habita em mim não estava muito satisfeito com meus trabalhos ultimamente. Dentro do estágio em atuação realizado neste ano de 2019, eu pretendia, juntamente com uma colega, desenvolver uma dramaturgia em processo. Ponto o qual, acabou sendo abandonado logo de início no processo. Nunca de fato escrevi uma peça, não uma completa, apenas pedaços os quais acabamos abandonando com o tempo. Então tomei a liberdade de trazer para este trabalho essa pesquisa. Tomei a liberdade de nas próximas páginas desenvolver uma dramaturgia onde reconto a minha trajetória artística, apoiado pela ficção, reconstruindo minha realidade. Lá eu exponho minhas dores e meus sofrimentos. Lá eu falo sobre relações que tive na arte. Eu também trago questionamentos sobre autoria e autoridade. Lá eu questiono muito mais do que trago fatos e respostas. Por isso, este meu subtítulo: "A reflexão sobre as relações dentro de um eterno processo criativo". Considerando como processo criativo, minha formação como profissional de Teatro.

Meus próximos pontos a serem abordados dentro deste trabalho de conclusão de curso, os quais também preciso agradecer, são a Autoria e Autoridade. Quase não se encontra teoria e reflexões escritas a respeito destes temas, ao mesmo tempo, acredito que estamos o tempo todo os questionando, principalmente quando questionamos sobre lugar de fala, quando estudamos processos coletivos e colaborativos, dentre muitas outras coisas. De quem é a criação? Conversando com minha orientadora, Camila Bauer, levantamos um questionamento: na construção de uma dramaturgia em processo, construída em sala de ensaio, de quem é a autoria? Do dramaturgo que observa, do ator que improvisa, ou do diretor que propõe o improvisado? De quem é a autoria deste trabalho de conclusão de curso, minha, do dramaturgo que existe dentro de mim, ou minha e de todos que um dia passaram por mim e que participaram dos eventos ficcionalizados por mim aqui neste texto? Questões que provavelmente vão continuar sem respostas, o que é magnífico.

Construí este texto tentando fazer com que essas nossas noções de autoria e autoridade estejam presentes o tempo todo, não só quando trazidas diretamente. Não apenas as nossas noções, mas sim os meus questionamentos sobre elas. Meu trabalho foi sempre imbuído disso, mesmo quando eu não queria, sempre me questionava quem de fato estaria no controle do meu fazer artístico, um ator, diretor, dramaturgo ou até mesmo um espectador?

Uma das principais questões, se não a principal, são as relações. Por natureza eu busco entender a relação que tenho com o mundo e com o outro. Isso é algo genuíno do humano, arrisco dizer. Com a arte, não vai ser diferente. Já estive em processos conturbados, alguns mais, outros menos, mas reflito muito aqui sobre aqueles processos dolorosos que nos deixam cicatrizes que às vezes não são muito boas de lembrar. Reflito sobre o que é um processo “saudável”. Ficcionalizo também essa minha trajetória para não falar apenas de processos específicos e únicos dentro de mim, para torná-los seus, assim como são de todos aqueles que estiveram presentes em um processo criativo comigo.

A dramaturgia para mim é uma das áreas dentro da nossa arte que conversa com todas as funções e é por isso que escolho trabalhar com ela aqui. Eu acredito que todos estão envolvidos na criação dramaturgica, desde os técnicos que operam luz e som, aos atores, diretores e dramaturgos. Então, nada melhor do que me utilizar dela para falar sobre essa multiplicidade que acredito me constituir um ator-artista. Para falar sobre isso trago também teóricos como Dubatti e a noção de dramaturgia convivial, e o próprio Eugenio Barba que também refletiu sobre essas questões. Converso com Anne Bogart, Patrice Pavis e Grotowski, trazendo questões do trabalho deles que estiveram presentes dentro do meu de alguma maneira.

Inspirado principalmente pelo filme “Divertida Mente” e por uma metáfora de consciência de Carl Jung, construí uma outra nova realidade. Construí um Artista, que não é apenas eu, mas creio que um pouco daqueles que passaram pela minha vida também. No filme, a protagonista é controlada por suas emoções, que acabam sendo personificadas como “seres que vivem dentro da sua cabeça”. Esse Artista é controlado por três “seres que vivem dentro da sua cabeça”, um Ator, um Diretor e um Dramaturgo. Qualquer semelhança não é mera coincidência. Jung traz o signo da luz/fogo significando consciência e, por consequência, o escuro como inconsciência. Coloco esses personagens em volta de uma chama porque a cada momento eles estão trazendo cada vez mais coisas à tona, as tornando conscientes. Não quero contar muito mais do que isso para não tomar de você, um leitor desavisado, o gostinho que é se ler uma dramaturgia pela primeira vez.

Às vezes, escrever sobre três pessoas que estariam dentro de você pode soar um pouco egocêntrico, o que não é o intuito aqui. Quero questionar nossas posições dentro de um processo. Quero questionar nossas ações e refletir sobre o que acontece dentro do meu processo que também pode acontecer no seu. Justamente por isso não nomeio essas personagens, por que elas são muito mais: ideias, representações daquilo que eu penso ser um ator, um diretor, um dramaturgo e por fim um artista

(o qual é formado por todos os outros); do que, de fato, Eu, Pedro Schilling Magalhães personificado. Se há algo que posso afirmar é que todas essas personagens deixaram de ser eu no momento em que as coloquei no papel, as transformando em ficção.

Um último ponto é a escolha da fonte, que foi puramente estética. Quero que ao observar a capa deste trabalho, se note que ele não é um trabalho convencional. Escolhi uma fonte que se assemelha a fonte de uma máquina de escrever, primeiramente, porque minha personagem, esse Artista com "A" maiúsculo, se encontra escrevendo em uma máquina de escrever. Com isso questiono a própria autoria deste trabalho. Com isso, faço dele um pouco mais presente aqui, também, neste prefácio. E por último, mas não menos importante, vi quando criança meu pai escrevendo o TCC dele em uma máquina de escrever. A máquina de escrever para mim representa o início de uma época que facilita a produção textual com maior eficácia, então aqui eu brinco com isso. Retomo o passado a fundo, inclusive na estética. Optei por mudar a fonte para modificar, pelo menos um pouco, a visualidade deste trabalho quase que como um diretor. É, eles estão sempre presentes dentro de mim.

Sobre o futuro eu nada sei, o que me faz agradecer a ele também. O que eu sei é que se eu pudesse ver o que há além do presente é bem provável que tentaria modificar o curso das coisas, fazendo com que eu não vivenciasse erros, apenas acertos, o que, convenhamos, não teria a menor graça... Portanto, essa incerteza me alegra. Minhas únicas certezas são as seguintes: eu irei errar e por causa disso desistir inúmeras vezes. Não ter certeza do futuro, por incrível que pareça, me acalma.

Eu penso que isso não acontecerá apenas comigo, muitos artistas desistirão do próprio ofício inúmeras vezes. Meu consolo é a consciência de que é possível consertar os erros e que, depois de percebê-los, alguns muitos artistas também irão retornar.

PRÓLOGO

Uma mesa de escritório, textos de rascunhos colocados de forma desorganizada em cima da mesa, alguns caindo. Alguém se encontra em frente a uma máquina de escrever.

ARTISTA: E se todos nós fôssemos constituídos pela junção do que vivenciamos e daqueles que passam por nossas vidas? Dentro de mim múltiplas facetas existem. Ao mesmo tempo que sou um, sou muitos. Sou um conjunto de experiências. Minha arte não é só minha.

Às vezes, me sinto como um espelho. Sinto como se eu apenas refletisse os outros que passaram por mim. Meu teatro não é mais meu, ele é dos outros. Meus textos não são mais meus, minhas ideias não são mais minhas, meu olhar não é só mais meu. Sou tudo, menos eu.

Não olho mais para as coisas como antes. Nada mais faz sentido. Hoje sou um ser complexo, um artista complexo e não consigo mais abrir mão disso. Nada mais faz sentido aos meus olhos.

Não sei se isso é saudável. Não sei o que é ser saudável. É possível fugir disso? Creio que não. Acredito que não! Mas então por que me sinto esquisito? Um Frankenstein, com pedaços de atores, diretores, colegas diferentes que passaram pela minha vida.

Mesmo assim não posso mais fugir. Algo dentro de mim desiste. Algo dentro de mim morre. Algo dentro de mim foge. Hoje posso afirmar apenas uma coisa... O teatro morre. E com isso, desisto do Teatro.

A RE-CONSCIÊNCIA

Escuro. Nada além do vazio. Subitamente uma chama se acende no centro da cena. Em volta da chama se encontram três figuras que se fitam. Existe um quarto espaço vazio que não é preenchido por ninguém. As figuras se olham, nunca se viram antes, mas se conhecem melhor do que a si mesmas. O clima não é de acolhimento. Um vento corta a cena o tempo todo, suavemente. Quase que imperceptível. A tensão está posta tanto nos corpos como na atmosfera.

DIRETOR: Então chegamos aqui.

ATOR: Pois é... Sempre me perguntei se iria conhecer algum de vocês.

DRAMATURGO: Ah pára com isso. Nos conhecemos muito bem e você sabe disso.

ATOR: Cada um com a sua visão de mundo, Dramaturgo... Pelo que posso deduzir.

DRAMATURGO: Exatamente Ator... “Não é preciso ter visto uma pessoa anteriormente para reconhecê-la”².

ATOR: Essa frase é de uma de nossas peças, não?

DIRETOR(*irônico*): Adoro a maneira como você se apodera das frases dos outros e as transforma em suas Dramaturgo.

DRAMATURGO: E não é esse nosso trabalho, Diretor? Ou tudo aquilo que você construiu em suas cenas são originais? Não somos nós mesmos construídos através das experiências com o outros? Sou um dramaturgo sem nenhuma peça, mas até parece que dramaturgia é somente texto dramático.

ATOR: Não sei de vocês, mas esse sim é o meu trabalho. Fazer das palavras dos outros minhas. Faz tempo, mas lembro que gostava muito dessa peça. E realmente aquela dramaturgia foi uma das coisas que inclusive absorvi pra dentro do meu trabalho como ator, então imagino que você Dramaturgo tenha feito o mesmo. E também pelo que me lembro bem, foi um

² (KIELING; 2015: s.p.)

dos principais eventos para te constituir dentro da direção, não Diretor?

DIRETOR: Foi para isso que viemos então? Cutucar e falar tudo aquilo que nos incomoda no outro, já que nunca tivemos uma outra oportunidade?

ATOR: Quem começou não fui eu. Não éramos quatro?*(fitando o espaço vazio)* Faz tanto tempo que não me lembro mais.

DRAMATURGO: Olha, se estamos só nós três, creio que seja assim que devemos começar. Vocês dois sabem muito bem porque estamos aqui.

DIRETOR: Sim... O teatro.

ATOR: Ele desistiu não é?

DRAMATURGO: Acho que sim... Não vejo outro motivo para ele ter nos juntado aqui, se não para uma única e última tentativa de encontrar um motivo para não desistir.

ATOR: Como ele pode ter desistido se nenhum de nós desistiu de fato?

DIRETOR: Não desistimos?

DRAMATURGO: Você desistiu, Diretor?

DIRETOR: Não. Aparentemente nenhum de vocês, mas nós somos ele. Nós constituímos aquilo que ele é e se ele desistiu, no mínimo um de nós deve ter desistido. Talvez nem nós nos demos conta.

ATOR: E isso é possível? Não é você o dono da verdade, quem sabe de tudo que é orquestrado? Creio que nesse caso as suas concepções não vão ser suficiente meu amigo.

DIRETOR: Como se em algum momento você tenha confiado nas minhas concepções... Quer trazer elas a tona agora por quê?

ATOR: Não estou tentando te provocar/

DRAMATURGO: O que eu estou tentando dizer é que eu tenho minhas teorias também sobre isso. Sabemos muito bem que sou o mais distante dele, o último que foi constituído, então posso opinar de uma maneira menos parcial.

DIRETOR: E quais são suas teorias?

DRAMATURGO: Todos temos culpa. Ninguém escapa. De alguma maneira, nós fizemos dele o que ele é... Se ele desistiu, de alguma maneira desistimos também.

ATOR: Fale por si Dramaturgo. Porque eu não desisti e nem pretendo fazê-lo. Só não fui embora, porque também pretendo descobrir o que aconteceu de fato. Mesmo assim, bato na tecla de que antes nós éramos/

DIRETOR: Como se você tivesse opção... Você só não foi embora porque essa possibilidade não existe. Porque se essa fosse válida a teria feito há muito tempo.

DRAMATURGO: Da mesma maneira acabamos de sair de um processo criativo... Um processo tranquilo sem muitos conflitos, além daqueles que não temos como controlar. Dessa vez eu realmente não entendo o que possa ter acontecido...

DIRETOR: Uma atitude como essa não é tomada de uma hora pra outra. Ele com certeza estava arquitetando fazia um tempo.

ATOR: Então, pensemos nisso. No passado... Quais são os pontos chave que nos constituíram?

DIRETOR: O seu foi o “primeiro encontro com os colegas”, não foi Ator...? Nele a ideia de mim era muito primitiva, mas digamos que, lembro do processo ter sido um pouco “traumatizante”.

ATOR: Mas isso faz tanto tempo... Realmente, não só ideia de você Diretor era primitiva. Todos nós tínhamos recém tomado consciência de nós mesmos.

DRAMATURGO: Mas foi através de você as primeiras experiências não?

ATOR: Sim, foi. E justamente por isso concordo que devemos trazer esses momentos a tona. Grande parte da minha constituição vem de lá... Mas não foi somente por isso que ele desistiu, não é possível.

DRAMATURGO: Precisamos também falar sobre o nosso último processo, e além dele, acho importante falar sobre o processo de constituição do Diretor que foi/

DIRETOR: Sim, me lembro bem desse momento, dessa peça e desse processo. Ali o contato foi a partir de mim, não? Por mais que não estivesse na direção do processo desde o início, foi eu quem conduziu tudo entre nós.

ATOR: E digamos que o desfecho não foi o esperado e também um pouco “traumático”. Lembro bem... Mas, Dramaturgo, por que o último processo? Não foi esse o mais “saudável” dentro dos parâmetros dele de saudável?

DRAMATURGO: Exatamente por isso! Não foi por acaso que nesse último processo foi eu quem assumiu o controle. Ali foi a minha constituição. Além de ter um final bem menos problemático que os seus.

DIRETOR: Como se você não fosse o mais distante... Dentro da sua perspectiva é muito mais fácil não se envolver e se manter neutro dentre os acontecimentos. Na sua constituição ele já era mais velho e maduro, por tanto nós também.

DRAMATURGO: Fatos são fatos, Diretor. Não estou tentando colocar julgamento em cima de vocês. Quero entender o que funcionou ou não. Pra ver se conseguimos entender alguma coisa.

DIRETOR: Ok... E por onde começamos então?

ATOR: Vocês dois sempre apressados. Realmente não vamos esperar o quarto chegar?

DRAMATURGO: Não existe o quarto, Ator, somos somente nós três.

DIRETOR: Então, é o que importa... Novamente, por onde começamos?

CONSTITUIÇÃO DE ATOR

O cenário sempre continua o mesmo. A Chama aos poucos vai iluminando mais do que os quatro espaços. A tensão se dissipa um pouco, mas ainda sim está lá, presente sempre. Ator parece cada vez mais inquieto e sempre que pode olha para o espaço que está vazio.

ATOR(*inquieto, observando*): Pode se dizer que eu estou aqui desde sempre. A cada momento em um nível diferente, mas sei que eu sempre existi dentro dele. O mais engraçado é que a cada experiência eu me reconstituía de alguma maneira diferente. A cada brincadeira de criança, a cada conversa com amigos, a cada briga com os pais. Ser ator é representar o humano. Nós atores estamos em constante criação. Sempre observando tudo aquilo a nossa volta, pensando: onde isso pode me servir? Às vezes parece ser um pouco egoísta, você sempre pegar aquilo que lhe convém. Mas nosso trabalho é esse... Representar, interpretar, não sei. Às vezes até eu me questiono, às vezes penso que minha vida é interpretar algo que não sou. Que talvez tenha me perdido dentro desse eterno representar, desse eterno processo criativo que não acaba nunca... Mas vamos ao que interessa. Me constituí quando ele encontrou os seus colegas. Eles todos eram muito mais experientes e vividos em teatro pensando na perspectiva da técnica...

DRAMATURGO: Agora começo a me lembrar um pouco. É estranho o fato de que estamos aqui sempre presentes. Sempre existimos, mas em algum momento a consciência desperta.

ATOR: Foi exatamente isso que aconteceu.

DIRETOR: O que mais você lembra?

ATOR: Eu lembro bem daquele tempo. Foi um choque forte pra ele. Sabe quando você tem uma ideia formada daquilo que ama e quando nos deparamos com a realidade ela não é o que acreditamos ser? Algo como uma projeção amorosa. Sabe quando projetamos em alguém aquilo que gostaríamos que esse alguém fosse? Isso acaba impedindo que a gente veja

a realidade antes que ela se choque em nós e se mostre quando não temos mais escolha.

DIRETOR: Existem momentos que não sejam assim? Viver é estar eternamente decepcionado.

DRAMATURGO: Com certeza não!/

ATOR: Eu não consideraria como decepção Diretor. Só pelo fato das coisas serem diferente não significa que elas nos decepcionam. Não significa isso. É algo diferente que realmente não sei como colocar em palavras.

DRAMATURGO: A realidade sempre colapsa dentro de nós. O problema de amar teatro e querer trabalhar com isso é acreditar que vamos viver felizes fazendo o que amamos. Que não vamos ter aqueles momentos de ódio a profissão, de cansaço e de trabalho exaustivo.

ATOR: Foi um choque muito grande ver aquilo que eu amava se tornar algo diferente. Não era ruim, nem decepcionante, continuava sendo fascinante e apaixonante, mas era diferente. Esse foi o primeiro grande “puxão de tapete” da realidade. Ali ele viu que não seria fácil, nem um pouco, e por consequência eu vi também o trabalho duro que seriam os próximos anos de estudo em teatro. Digamos que foi a primeira vez que eu deixei de observar e assumi o controle.

DIRETOR: Terminando como terminou, imagino que tenha sido difícil.

DRAMATURGO: Mas o final não seria agora? Conosco? Desde quando um único evento é responsável pela construção de algo? Você melhor do que ninguém deveria saber disso.

ATOR: Além disso, não é como se tudo de fato tenha colapsado em algum momento.

DRAMATURGO: Sim, não se colapsou. Mas não podemos ignorar o fato de que esses acontecimentos que estão prestes a ser discutidos aqui são importantes e traiçoeiros... Mesmo que a dor não seja algo negativo. É a partir dela que vemos o lado difícil da vida. Claro, o objetivo também não é romantizar o sofrimento, mas também não é fazer o oposto.

ATOR: Não estou tentando fazer isso Dramaturgo/

DRAMATURGO: Você está sim. Você sempre foi assim. Essa tentativa eterna de admitir sucesso, e sempre ignorar aquilo que não funciona. Já o Diretor...

DIRETOR: Exatamente o oposto, porque minha função é essa. Eu lido com os problemas para que vocês possam lidar com o que realmente importa. Foi assim que aprendi a ser... É essa a minha função.

DRAMATURGO: Será Diretor? Será que tudo realmente é assim tão fechado... Certo ou errado... Dentro ou fora... Quase que um “Ser ou não ser”.

ATOR: Disso eu não sei, mas somos assim e sempre funcionou desse jeito...

DRAMATURGO: Pois é, mas ou algo deixou de dar certo... Ou sempre estivemos caminhando para esse desfecho e nunca percebemos que o “funcionando” sempre foi uma ilusão. Porque afinal, ele desistiu. Não?

ATOR: De que importa o que foi, se esse é o nosso desfecho? É de real importância ficar levantando se sempre estivemos errados ou certos? Quem somos nós para julgarmos tais atos.

DIRETOR: Eu entendo o que o Dramaturgo fala. Não é sobre estar certo ou errado. É sobre refletir, sobre onde acertamos ou não para pelo menos poder entender o que está acontecendo com o conjunto.

DRAMATURGO: Não é isso que estamos fazendo aqui? Olhando para o passado? Mas agora esqueçam seus conceitos de certo e errado a partir desse momento. As pessoas olham para o errado como se ele fosse a personificação do negativo.

ATOR: Não é isso Dramaturgo, quem hoje dentro da nossa sociedade é ensinado a olhar de outra maneira para seus “erros”?

DIRETOR: Vocês não acham que estamos desviando do assunto?

DRAMATURGO: Ou talvez, estamos falando sobre o que realmente importa. Mesmo assim, Ator, por favor continue sobre a sua constituição.

ATOR: Bom, o fato que acho válido ser trazido à tona é a tentativa de correr atrás. Nós estávamos muito aquém de tudo aquilo que enxergávamos a nossa frente. Estudar teatro não era o romance que esperávamos que fosse. Existia uma teoria e uma técnica por trás de um trabalho corporal árduo e exaustivo. Esse foi o primeiro ponto. Foi

diferente. Criamos expectativas e a realidade estava lá pronta pra nos mostrar o contrário.

DIRETOR: E os colegas? Não existia algo em relação especificamente a eles?

ATOR: Existia, mas nunca cheguei a pensar que isso possa ter tido a importância devida para acabar levando ele a desistir do tudo.

DRAMATURGO: Pois é, às vezes não temos noção do que está acontecendo dentro de nós mesmos...

ATOR: De qualquer maneira, acho que a dificuldade esteve em acompanhar o desenvolvimento do grupo. Os colegas eram mais experientes, precisávamos ter mais pra acompanhar o ritmo que eles pediam.

DIRETOR: Normal, ele estava diante de coisas novas. É normal se sentir perdido.

ATOR: Mas não nos sentíamos perdidos... Não era isso. Conseguimos correr atrás. Claro, depois de muito trabalho e estudo, mas conseguimos... Não era isso... Acho que tem haver, de fato, com os colegas...

DRAMATURGO: Ele estava em um momento novo. De descobertas, tudo que se apresentava ali tomava a proporção de realidade. Estávamos sendo/ Ele estava sendo apresentado ao que acreditava ser os “Seus”, ao “Seu grupo”. Algo deve ter desviado do caminho.

ATOR: Acho que sei exatamente o que foi... os colegas.

DIRETOR: Sim, já sabemos disso. O que têm os colegas?

ATOR: Eles desviaram o caminho. Ele estava sendo apresentado aos deles, a sua classe. Estava sendo apresentado àquilo que se tornaria um dia. Claro que isso não necessariamente refletia a realidade, mas como poderia saber ele? Ele não conhecia nada, aprendia tudo novo. Além do choque com o diferente.

DRAMATURGO: Mas algo aconteceu? Conte melhor Ator.

ATOR: Acho que nada específico. Mas um conjunto. Me lembrei de uma coisa... Já ouviram falar em empatia? Claro é um termo guarda chuva. Mas sabe quando ele foi usado pela primeira vez? Século XX. Theodor Lipps⁵,

⁵(LIPPS apud PEREIRA; 2013: p.4-5)

um filósofo alemão. Ele exemplificou Empatia indicando o momento em que somos totalmente absorvidos por algo, como por exemplo, o espectador e o artista quando se projetam na arte.

DRAMATURGO: EMPATHEIA, do grego EN: “em”; PATHOS: “sofrimento, paixão”. Pathos, paixão e sofrimento do herói trágico. Me lembra tragédia. De acordo com Patrice Pavis, *pathos* no *Dicionário de Teatro* é “um modo de recepção do espetáculo que provoca compaixão. Vítimas inocentes são abandonadas à sua própria sorte sem defesa alguma.”⁴ Empatia... Quem diria, achava que esse termo era mais distante de nós... Pelo jeito não é.

DIRETOR: Engraçado um termo como esse significar estar em sofrimento.

ATOR: Talvez porque entender o outro, nos colocar no lugar do outro, seja entender o sofrimento. Estar em sofrimento... interessante isso. Esses primeiros anos foram sofridos. Com certeza nossos colegas não sabiam e não tinham lido sobre empatia.

DRAMATURGO: Por que diz isso?

ATOR: Não foi fácil. Principalmente o primeiro ano. Ele era uma criança. Um adolescente que estava descobrindo coisas novas. Não tinha tudo aquilo pra dar. E os colegas... Não entendiam o sofrimento dele, o caminho dele. Achavam que eles podiam muito mais, o que não era mentira. Eles podiam ir muito além, mas Ele não. Ele não.

DRAMATURGO: O que quer dizer com isso?

ATOR: Quero dizer que eles exigiam mais e mais de todos. Exigiam através da sua própria presença. Uma competição era sempre instalada. O clima era ácido. As aulas eram como estar em uma corda bamba o tempo todo. E além da corda bamba era como ter os olhares todos voltados a si, vendo seus próximos passos, procurando seus próximos erros. As competições que eles instalavam iam além dos colegas e se projetavam nas professoras também. As pessoas eram experientes demais e, principalmente, arrogantes demais para dividir a criação. A academia subia à cabeça deles também... Mesmo todos sendo iguais ali... A título ninguém era mais que ninguém. Mesmo assim, apesar de tudo, nunca pensei que Ele tivesse

⁴ (PAVIS. 2008; p. 280)

levado tudo isso como negativo. Ele sempre usou essa dor e sofrimento pra seguir em frente.

DRAMATURGO: Mas não foi negativo. Transformou ele no artista que é hoje. O problema foi que ele estava conhecendo esse novo mundo. Ele com certeza não queria se tornar aquilo que os colegas representavam.

DIRETOR: Mas eles representavam a classe. O futuro. Acho que aí está o ponto. Logo após nos primeiros anos ele tentou desistir não tentou?

ATOR: Tentou. Mas ele não havia desistido do teatro. Havia desistido dos artistas. Havia desistido de se tornar aquilo que eles, os colegas, se tornaram.

DRAMATURGO: Além de que, nenhum de nós havia desistido.

ATOR: Éramos quatro também.

DIRETOR: Por que você insiste que somos quatro?

DRAMATURGO: Como tem tanta certeza disso Ator? Nunca nos vimos antes/

ATOR: Como você tinha certeza da minha existência? Como tinha certeza que eu existia? Como temos certeza de que nós existimos?

DRAMATURGO: Nós não existimos e isso também é um fato.

DIRETOR: Não Dramaturgo? Então por que nossas ações são importantes?

DRAMATURGO: É preciso existir para mudar o curso de algo? A natureza como personificação não existe. Mas mesmo assim ela muda cursos.

DIRETOR: Certo, ela é um conjunto de ações/funções. Exatamente como nós. Mas a chuva existe, o tornado, o vento. O que somos nós então se não as ferramentas pela qual Ele age?

DRAMATURGO: Boas colocações... Vou pensar mais sobre isso. Mesmo assim, estamos desviando do assunto.

DIRETOR: Ou talvez, "estamos falando sobre o que realmente importa". Não Dramaturgo?

CONSTITUIÇÃO DE DIRETOR

Os três observam a chama atentamente enquanto ela quase se apaga. A chama se mantém acesa iluminando o máximo dos quatro espaços, por mais que às vezes continue trêmula. O Quarto espaço vazio fica cada vez mais significativo aos olhos do público, principalmente agora.

ATOR: Por que uma chama? Vocês já se perguntaram?

DIRETOR: Já ouviu a metáfora de consciência de Carl Jung?

DRAMATURGO: O psicólogo?

DIRETOR: Esse mesmo. Ela cria uma metáfora para o nascimento. Quando um bebê nasce ele é dominado pelo inconsciente. Justamente por isso quase não lembramos dos primeiros anos de vida. Ele fala também que aqueles pouco que lembramos são “ilhas de consciência, que são como luzes isoladas ou objetos iluminados dentro da noite imensa”⁵. O início da consciência. A chama é a consciência e o restante é tudo inconsciente.

ATOR: Engraçado, é como se estivéssemos nascendo?!

DRAMATURGO: Pois é. Outra coisa que não conseguimos entender. “Nascer” sendo que ao mesmo tempo algo morre.

ATOR: Desistir é necessariamente matar algo?

DIRETOR: Não sei... Mas que são coisas comparáveis realmente são.

ATOR: Metáforas a parte, creio que nosso tempo está acabando... Quanto tempo será que essa chama aguenta?

DRAMATURGO: O que nos acontece se ela apagar?

DIRETOR: Se você não tem essa resposta...

ATOR: Fale por você... Tenho minhas suspeitas, e elas não nos ajudam em absolutamente nada agora.

DRAMATURGO: Então vamos continuar? Você mesmo disse que nosso tempo é curto.

ATOR: Essa metáfora da chama. Você já usou ela, não Diretor?

⁵ (JUNG: 1986: p. 340)

DIRETOR: Sim, usei sim. Nesse mesmo processo que você me pediu para trazer Dramaturgo.

DRAMATURGO: Pode começar então.

DIRETOR: Não sei por onde. Não foi um processo fácil. Mas foi um processo de descobertas. Assim como você Ator, sempre estive aqui. Mas de uma maneira diferente, acho que nem eu mesmo tinha consciência da minha existência. Não até aí. Aí a minha chama acendeu. Se vocês lembrarem bem, foi onde eu comecei a me constituir.

ATOR: Está aí algo que nunca entendi. Como constituir um Diretor sem dirigir?

DIRETOR: Você não foi construído pelas experiências?

ATOR: Sim, mas a atuação estava tão presente quanto as experiências. Presente como ação. Ele atuava.

DIRETOR: O processo de direção não é como o processo de atuação. Todo artista de teatro tem um pouco de diretor em si. Todo aquele que reflete sobre o que fala, sobre o que lê, sobre para onde vai e o porquê, se torna um diretor. E não é como se eu não tivesse dirigido uma parte do processo também.

ATOR: Sim. Mas a sua constituição começou antes de Ele de fato assumir a direção. E na maioria das vezes, refletimos através das próprias provocações do diretor no processo.

DIRETOR: E é nesse momento que o diretor dentro do artista começa a se constituir. Claro, existem aqueles seres com dom nato para isso. Mas no momento em que você reflete sobre algo, um diretor surge em você. Talvez você nunca dirija uma peça, mas ele vai estar lá presente sempre. Te apoiando. Ali encontrei um exemplo de direção. Um diretor para se espelhar. Se lembro bem, Ator, foi também o seu processo de maior transformação, não?

ATOR: Sim, foi ali que mudei muitas das minhas percepções de dentro de cena. Foi ali que comecei a pensar, refletir e de fato entender o que eu digo.

DIRETOR: Pois então, foi nesse momento que comecei a me constituir. A grande diferença é que a chama da minha consciência foi forte, bem forte. Não conseguia mais apenas absorver e aprender com as experiências. Algo dentro urgia pela prática.

DRAMATURGO: Não dá pra negar, você assumiu um lugar de assistente neste processo.

DIRETOR: Não só assistente, Dramaturgo. Uma atriz desistiu lembram? E com ela, o diretor do espetáculo nos abandonou também. Dois meses antes da estreia de uma das temporadas.

ATOR: Sim, foi desesperador. Eu realmente não sei como continuei, era algo como... Como... Não me lembro... Realmente não me lembro.

DIRETOR: Não lembra porque eu tomei conta. Eu assumi o controle. Iríamos cair todos, o grupo inteiro ia cair se eu não assumisse. Claro, a direção da atuação dEle já havia sido feita pelo antigo diretor, não era algo com que se preocupar. Mas tive que assumir um grupo em crise, e uma atriz nova dentro de um processo com dois meses para a estreia.

ATOR: Acho que nunca tinha pensado por esse lado. Talvez eu nunca tenha percebido de fato o quanto estávamos perdidos.

DIRETOR: Pois é, estive mais presente do que você pensa.

ATOR: Mesmo assim, não muda o que aconteceu...

DRAMATURGO: O resultado de tudo isso? Lembro que não foi positivo. Como foi tudo isso Diretor?

ATOR: Isso Eu posso dizer. Um desastre. Digamos que nosso relacionamento com o antigo diretor não era lá muito bom, e ele conseguiu ser pior ainda.

DIRETOR: Pois é, mas queria que eu agisse como? Era minha única experiência de fato. A experiência mais próxima daquilo que era direção. Nosso forte nunca foi a comunicação.

DRAMATURGO: Mas o que aconteceu de fato?

ATOR: Ensaios incessantes. Todos os dias de segunda a segunda até a estreia. Os ensaios terminavam passado das 23h mesmo começando às 17h.

DIRETOR: Como se não fosse preciso! Queria fazer o que? Tínhamos data de estreia marcada...

ATOR: Isso não era o pior. A exigência em cima de nós. Alguma vez algo que fazíamos estava bom? Parece que você nunca aprendeu mesmo com toda a experiência. Era nossa terceira temporada. Além do mais, nem todas as pessoas conseguem trabalhar desse jeito... Nem todo mundo precisa criar da maneira que você acreditava ser a melhor.

DIRETOR: Não se esqueça do fato que eu dirigia. Como que você queria que fosse diferente? A Criação era minha!

ATOR: Sua?! Sua?! Não mesmo. A criação era nossa. Sem o elenco você não seria nada.

DIRETOR: Não seria nada? O elenco estava perdido! Não tinha escolha sem ser agir do jeito que agi!

ATOR: Não tinha escolha? Como não tinha escolha? Quantas vezes eles acabavam nos procurando, procurando Ele, pedindo por menos ensaios, alegando exaustão física e mental. Faziam absolutamente o que nós pedíamos e você continuava eternamente insatisfeito.

DIRETOR: Agora não se pode mais reclamar para um ator de algo?

ATOR: Reclamar Diretor? As suas ansiedades, as suas insatisfações, você jogava todas elas em cima do elenco, achando que era alguém que poderia fazer o tal...

DIRETOR: E eu não era? Eu estava dirigindo essa peça! E não se esqueça que as minhas ansiedades e inseguranças são suas também se não percebeu isso.

ATOR: A pequena diferença é que nunca joguei ela nos outros. As inseguranças de um ator quando bem direcionadas dentro de um processo podem acabar impulsionando a criação. Já as inseguranças de um diretor mal direcionadas? Você não podia ter agido como agiu, ultrapassou o limite. Admita!

DIRETOR: E que limites são esses? Desde quando o trabalho de um diretor deve ser limitado às vontades do elenco?

ATOR: Sempre! Só por estar uma posição que te dá uma ilusão de autoridade não significa que você tenha “passe livre” para fazer o que bem entender com o corpo do outro. Estávamos mexendo com humanos, pessoas. Não máquinas.

DIRETOR: Não considerava eles máquinas. Nunca foi desse jeito. Só não gosto quando questionam minha autoridade!

ATOR: Que autoridade?!

DIRETOR: Eu não sei! Eu não sei...

ATOR: Autoridade não é algo palpável. Autoridade não é algo que um cargo nos dá ou não. Se conquista com respeito. Tínhamos tudo para fazer tudo dar certo, mas as suas inseguranças foram tantas, o seu medo pelo fracasso foi tão grande que você nem quis me escutar!

DIRETOR: Te escutar? Você não falou nada. Se manteve em silêncio o tempo todo! Se eu não estivesse sozinho, talvez tivesse sido diferente.

ATOR: Sozinho? Eu estava lá e agora me lembro muito bem. Tentava falar com você das diversas maneiras possíveis, mas você não me permitia chegar. Foi por isso que ele desistiu.

DIRETOR: O que?! Agora você está me acusando e me colocando como único culpado?

ATOR: Exatamente! Você é o culpado por isso tudo estar acontecendo agora.

DIRETOR: Como?! Da onde você tira essas ideias malucas? Onde foi que eu errei então, se realmente sou o culpado, Ator?!

ATOR: Onde foi? Você transformou Ele no que mais temia. Você nos transformou nos nossos colegas. Você esqueceu que as pessoas a sua frente eram também humanos, que essas pessoas sentiam e sofriam. Você esqueceu do nosso sofrimento, do meu sofrimento. Você se esqueceu também de que Ele havia desistido do teatro anteriormente por pessoas exatamente iguais àquelas que você o fez se tornar. Vocês querem saber? São por coisas assim que ele desistiu do teatro. E o pior é que a culpa nem é “dele”. O teatro não tem nada haver com o sofrimento e com a dor. Mas você faz isso com ele. Eu desisti do teatro. Eu desisto do teatro

porque desisti de pessoas como você. O ego incumbiu a classe artística. Esquecemos de que lidamos com seres. Não, eu não idealizo um processo criativo. Sei muito bem das dores e de tudo que está imbuído dentro dele, mas não precisava ter sido assim desse jeito, não? Às vezes precisamos parar para olhar o que está na nossa frente. Você precisa abrir mão dos seus medos e inseguranças para notar que tem seres humanos na sua frente. Não adianta você colocar em cima de mim todas as suas expectativas de um trabalho e me obrigar a buscar algo que você busca. Você já parou para pensar que talvez minhas questões também existam? Foi por isso que eu também desisti do teatro. Enquanto o seu mundo, a sua arte e você for maior do que todo o resto, você nunca vai conseguir aprender com o outro. E o outro tem sim muito a ensinar. Nem tudo se limita a uma perfeição, a uma atuação impecável. Você pensa em como outras pessoas além de você e aquelas iguais a ti se sentem com isso tudo?

DIRETOR: Eu sei e entendo que vocês tenham necessidades e vontades. Mas eu também tenho. E meu lugar é diferente do de vocês. Vocês não sabem o que é estar noites e noites pensando em decisões e concepções para de repente vir pessoas e simplesmente largarem um trabalho dois meses antes da estreia. Não preciso que vocês pensem em concepção, preciso que vocês se preocupem em atuar. Isso não posso fazer. No resto, faço o que for preciso. Não consigo entender porque se preocupa tanto Ator, pensando em coisas além da sua atuação. O coletivo é construído por cada ser que faz sua função. Já é difícil lidar com as minhas ideias e pensamentos, se coloquem no meu lugar. Corrigir os seus erros, e ainda lidar com as suas intervenções dentro do meu trabalho sendo que vocês não sabem por onde quero ir e por onde penso seguir. E não, não venham me dizer que tenho a obrigação de desenhar todos meus passos anteriores e futuros. Confiança, conhecem? Se eu pudesse faria tudo sozinho, com certeza. Mas não posso! No teatro precisamos do outro e por isso preciso que confiem em mim. Eu não desisti do teatro diferente de você. Se temos algum culpado aqui, é você.

Durante toda a discussão o Dramaturgo tenta intervir sem sucesso. Era como se eles se fechassem em uma bolha os dois, Ator e Diretor. Quanto mais intensa a briga fica, mais a chama fica trêmula até se apagar de vez.

DRAMATURGO: Satisfeitos?!

CONSTITUIÇÃO DE DRAMATURGO

O escuro não dura muito mais do que alguns segundos. Ao retornar a iluminação o Dramaturgo se encontra entre os dois, Ator e Diretor, invadindo “a bolha”. A chama continua trêmula, mas o espaço fica cada vez mais iluminado.

DRAMATURGO: Vão me escutar agora?! Vão me dar ouvidos?! É assim que tenho que agir para parar vocês? Vocês realmente não entendem mesmo?

ATOR: Chega Dramaturgo. Chegamos ao fim, descobrimos o porquê. A culpa é dele.

DRAMATURGO: Realmente? Assim? Jogando palavras uns contra os outros?

DIRETOR: Não temos outra opção. Ele desistiu e estava escondendo isso de nós. Não temos mais o que fazer aqui. A culpa é dele não minha.

ATOR: Claro, como se eu não tivesse motivos para desistir, como se você não tivesse me dado/

DRAMATURGO: Chega! Os dois! Agora!

ATOR: ...

DIRETOR: ...

DRAMATURGO: Agora me escutem. Não, não temos culpados. As ações do diretor foram tomadas a muito tempo atrás. Com certeza ajudaram para o resultado final, mas ajudaram tanto quanto as ações da sua constituição Ator. Quer que eu te lembre das discussões com seus colegas de classe? Que eu te lembre da maneira como ignorava tudo aquilo que eles diziam para seu crescimento. Sem falar no fato de você ter desistido, o que com certeza agravou nossa posição. Nosso último trabalho foi a minha constituição, e vocês realmente não entendem o por que ela funcionou, não é?

ATOR: Por quê?

DIRETOR: Vamos, não esconda o jogo!

DRAMATURGO: Parem para analisar! Observem os detalhes, vamos vocês conseguem!

DIRETOR: Diga logo o que tem pra dizer!

ATOR: Exatamente. Para que essas provocações?

DRAMATURGO: Pra quê? Porque essa é a única linguagem que vocês conhecem. Porque pelo jeito suas experiências levaram vocês a conhecer nada além de agressividade, violência. Nossas experiências fazem de nós o que somos, mas escolhemos o que mantemos depois da chama ser acesa. Depois de consciente, escolhemos como seguimos.

DIRETOR: Não entendo o que quer dizer com isso.

DRAMATURGO: E pelo jeito nem vai entender tão cedo. Nosso último processo. Onde ele atuou e dirigiu. Duas funções primitivas dentro dele de fato estando juntas/

DIRETOR: E nenhuma delas no controle.

ATOR: Por que você tomou o controle Dramaturgo? Não era como se ele precisasse construir uma dramaturgia, isso sim é de fato algo que nunca entendi!

DRAMATURGO: O que é dramaturgia Ator? O que é dramaturgia Diretor? Somente texto? Talvez originalmente sim, mas hoje não mais. Definitivamente não mais. Já ouviram falar no que Eugenio Barba fala sobre Dramaturgia?

DIRETOR: Algo sobre uma onda não? O que tem haver com isso agora?

DRAMATURGO: Li em uma revista sobre Dramaturgia⁶. Lá citavam Barba, ele dizia que antes a ação era completamente ligada ao texto, por isso a dramaturgia, que é ilustrada como uma onda por ele, era o texto. Mas agora no contemporâneo, não existe texto sem performance. A dramaturgia deixa de ser o texto e se torna tudo aquilo que tem efeito ou ação. Se torna sons, luz e mesmo assim não deixa de ser o próprio ator e o texto. O tão reverenciado texto dramático não é mais tão importante quanto a nossa ação. Então não venha me questionar sobre porque sou sim um dramaturgo sem textos dramáticos. Além de que sou a representação de uma ideia dentro de uma pessoa e todos criam histórias, textos. Da mesma maneira que você Diretor está ligado a reflexão, eu aqui estou ligado a

⁶ (BARBA apud MONAGHAN e ECKERSALL e BEDDIE; 2005: p.2.)

imaginação. Eu estímulo a mente dEle inclusive para conseguir atuar Ator. Olha vejam só, nós três somos muito mais dependentes uns dos outros do que imaginávamos.

ATOR: Não sei se consigo entender.

DRAMATURGO: Jorge Dubatti, então... Pesquisem um pouco sobre ele e o “Teatro Convivial”⁷. Ele coloca o teatro como um acontecimento convivial, que acontece através do convívio. Artista-espectador, sim... Mas também ator-ator, ator-diretor, e dramaturgia-artista. Ele fala sobre uma dramaturgia convivial e que essa dramaturgia pode ser construída de duas maneiras sendo a primeira delas, a liberdade que o ator tem de criação num espetáculo onde a interação com o público é maior, como por exemplo espetáculos de rua. Sim, ele coloca o ator como produtor de dramaturgia e em certo modo, dramaturgo. A segunda maneira, segundo Dubatti, acontece inclusive quando um ator segue marcações e indicações específicas do diretor, pois a cada dia a peça se modifica. Tudo influencia, o estado do ator, o estado do espectador e por consequência modifica a dramaturgia da peça. Para mim tudo pode ser material para criação dramática considerando a dramaturgia convivial. O som, a luz, o ator, o diretor, tudo. Tudo que interfere dentro da ação como diz Barba e tudo que interfere dentro do convívio entre artista-espectador como diz Dubatti. Se querem colocar em caixinhas, a dramaturgia que eu faço é convivial. baseada no convívio entre o elenco, entre o espectador. Até porque escrever sobre isso: sobre relações, sobre convívio, sobre “espectar”; Ele sempre escreveu. Satisfeitos agora?

ATOR: Falando desse ponto de vista, creio que sim.

DIRETOR: Só ainda não entendo porque trazer isso agora, neste momento.

DRAMATURGO: Vocês ainda não entendem, não?

DIRETOR: Entender o que Dramaturgo?

DRAMATURGO: O que diferencia essa última experiência? Você mesmo, Ator, colocou ela como a “saudável”.

⁷ (ROMAGNOLLI e MUNIZ; 2014: p 4-5.)

ATOR: O convívio.

DRAMATURGO: Em certo modo sim. Nós pensamos e refletimos sobre isso durante o processo. Claro, talvez o resto tenha acabado ficando de lado, mas essa foi nossa pesquisa. Relacional. Convivial. Partindo de mim, buscamos as diversas dramaturgias que estavam dentro disso. Dramaturgias relacionadas ao texto dramático que estava em questão. Mas a dramaturgia que ia além da cena. Olhando para o outro e ouvindo o que ele tem para dizer. Nem sempre acertando, mas admitindo o erro. Empatia. Buscamos entender o que o outro sofria também, para evitá-lo.

DIRETOR: O segredo é esse então? Para dar certo devemos evitar o sofrimento e o erro.

DRAMATURGO: Não, de maneira alguma. Perdão Diretor, me equivoquei. O processo criativo vai ser sempre sofrido. Às vezes chego a pensar que nenhum artista nunca vai estar totalmente livre do sofrimento. Anne Bogart já dizia que a violência é necessária. Ela mesmo diz que devemos limitar, escolher, e abandonar muitas coisas a frente dentro de um processo.⁸ É difícil e sofrido abandonar algo, inclusive, arrisco dizer, que é mais difícil ainda abandonar as coisas que nos machucam, porque, às vezes, elas nos deixam confortáveis. Não devemos entender o sofrimento do outro para evitá-lo, mas sim porque é mais fácil aguentar quando não estamos sozinhos.

ATOR: O que é o saudável então?

DRAMATURGO: Depois de tudo que eu disse, nenhum de vocês arrisca falar?

ATOR: Creio que o saudável é estar atento ao que acontece dentro do processo. Atento não só a atuação, direção, não só atento a cena. Estar atento ao outro.

DIRETOR: Estar atento a si também. Acho que tem mais um ponto a ser trazido aqui.

DRAMATURGO: Acho que vocês estão finalmente entendendo.

⁸ (BOGART; 2011: p. 64.)

DIRETOR: Sim... Dramaturgo, você esteve atento ao que o Artista sofria o tempo todo. Por isso assumiu o controle. Todo aquele papo de dramaturgia é real e faz muito sentido, mas não foi por isso.

DRAMATURGO: Foi por que então?

ATOR: Porque você sabia que se um de nós assumíssemos, a batalha ia ser constante.

DIRETOR: Não sei porque, mas o ego sempre esteve presente na arte de atuar e dirigir. São poucos os que conseguem abrir mão disso. Tomando o controle você conseguiu deixar o Artista imparcial para que todas as suas decisões fossem tomadas pensando no outro, não em si. Pavis também falou sobre o dramaturgo: "Por muito tempo [o dramaturgo] foi considerado inútil ou integrado apenas ao trabalho de mesa, colocado "como sanduíche" entre atores e encenadores."⁹ Também acho que por causa disso, principalmente depois da Crise do Drama¹⁰, os dramaturgos clássicos perdem o seu foco, e por isso a criação de um ego fortalecido não é mais tão possível.

DRAMATURGO: Tirando vocês do controle, ao mesmo tempo dei o controle. Dentro do processo o Artista/ ou melhor, nós assinamos o quê? A direção e a atuação. Vocês dois vão ser sempre o lado que pulsa mais forte dentro dele. Por isso não podem estar no controle, pois um é tão importante para ele quanto o outro. Ele atua porque dirige, e dirige porque um dia atuou também. Não tem como separar isso mais. Eu sou, dentro dele, apenas acessório. Não creio que ele vai assinar dramaturgias no futuro, mas pensar em dramaturgia como algo além do texto é preciso. Dramaturgia convivial. Se dramaturgia é convívio e ação, dramaturgia também é relação. Dramaturgia relacional. Relação entre nós. Precisamos olhar

⁹ (PAVIS. 2008: p. 117)

¹⁰ Sobre a crise do drama trago essa citação do *Dicionário de Teatro* sobre a evolução dos dramaturgos "A evolução histórica dos conteúdos ideológicos e as pesquisas formais explicam as defasagens que podem ocorrer entre forma e conteúdo, colocando em questão sua unidade dialética. [Peter] Szondi mostra assim a contradição do teatro europeu, no final do século XIX, que usa a forma caduca do diálogo como marca de intercâmbio entre os homens para falar de um mundo onde este intercâmbio não mais é possível" (SZONDI. 1956: p. 75 apud PAVIS. 2008: p. 114).

para o outro como se ele fosse alguém, o outro é um ser humano a nossa frente. Precisamos ouvi-lo contar seu sofrimento, nos compartilhar a sua dramaturgia. Para aí sim chegarmos no espectador. O espectador aquele que também vai modificar nossa dramaturgia e nossa relação de outras maneiras.

DIRETOR: O espectador... É isso.

ATOR: Isso o que?

DIRETOR: Agora eu me lembro. Você estava certo Ator. Nós somos sim Quatro.

A INCONSCIÊNCIA

O vento corta frio a cena. A chama durante a cena começa a ficar cada vez menor até desaparecer ao final. A iluminação começa a ficar cada vez mais oscilante. O tempo se aproxima cada vez mais do fim.

DIRETOR: O Espectador. Ele é o ser que faltava. Ele que ocupa esse espaço vazio.

DRAMATURGO: Como assim Diretor?

DIRETOR: Agora eu lembro. No princípio, sempre existiu ele. Foi através dele o primeiro contato com o teatro. Ele é o responsável de tudo. Sem ele não podemos continuar isso.

ATOR: Exatamente. Me lembro agora também.

DRAMATURGO: Isso não faz sentido.

DIRETOR: O que não faz sentido é Ele desistir do teatro do nada. O desaparecimento do Espectador não pode ser por acaso.

ATOR: Foi através dos olhos dele que enxergamos pela primeira vez. Foi através dele. Você está completamente certo Diretor.

DRAMATURGO: Só eu acho que vocês estão ficando cada vez mais loucos? Como assim o desaparecimento do Espectador?

ATOR: Você não se lembra de nada? Nem depois de falarmos tudo isso?

DRAMATURGO: Não, nada continua fazendo sentido.

DIRETOR: Mas você acredita em nós, não acredita? Existia uma quarta função, uma quarta ser que constitui Ele. O Espectador.

DRAMATURGO: Por que não me lembro? Mas, de alguma maneira, acredito sim.

ATOR: Por que ele não está aqui?

DIRETOR: Eu não tenho a mínima ideia. Mas creio que todos concordamos que cada vez menos tudo faz sentido.

ATOR: Dramaturgo, o que constitui um Espectador?

DRAMATURGO: Como assim?

ATOR: Assim! O que constitui um Espectador?

DRAMATURGO: Creio que não deve ser eu a responder, mas sim o Diretor.

DIRETOR: Eu? Por quê?

DRAMATURGO: Porque o diretor é um espectador de profissão. Não, essas palavras não são minhas. “É evidente para mim que o trabalho do diretor é ser espectador de profissão. [...] A relação do ator com o espectador é bem específica. O ator não é espectador e o trabalho do diretor é ser espectador.”¹¹ Palavras do próprio Jerzy Grotowski.

DIRETOR: Isso faz sentido, mas como eu poderia saber algo do tipo...

ATOR: Existe algo específico feito unicamente por um espectador?

DRAMATURGO: Tecnicamente não.

DIRETOR: Sim, mas existe algo que apenas o espectador consegue fazer? Algo que nós diretores, e vocês, atores e dramaturgos também não conseguimos fazer.

DRAMATURGO: Tecnicamente não. A palavra “espectador” vem do latim “SPECTARE”: “olhar” e “ver”. Tecnicamente, isso todos nós conseguimos fazer.

ATOR: Eu não entendo... Se não tem haver com a função, com o que tem haver?

DIRETOR: Se ele estivesse aqui seria muito mais fácil.

DRAMATURGO: Vocês claramente sabem mais do assunto do que eu. Nenhum dos dois tem a mínima ideia de onde ele possa estar?

ATOR: Você tem alguma ideia de onde nós estamos? Como você quer que eu saiba como encontrar alguém enquanto estamos em volta de uma chama no meio do vazio. Também não é como se esse local onde nos encontramos fosse real.

DRAMATURGO: Vamos retomar os fatos. Quais suas últimas lembranças que ligam vocês ao Espectador?

ATOR: Me sentia conectado a ele, o Espectador, desde sempre. Com já falamos, foi através dele que conhecemos a arte. Mas posso dizer que não sei muito bem quando parei de sentir isso.

DRAMATURGO: Quer dizer que você parou de sentir?

¹¹ (GROTOWSKI, 2007: p. 212)

ATOR: Eu não sei. Tudo isso é muito novo para mim. Com vocês eu sinto essa conexão, somos parte de um todo. Mas ao mesmo tempo, não sinto mais o Espectador conosco. É como se ele fosse uma parte retirada do todo.

DRAMATURGO: Diretor?

DIRETOR: Pensando bem, sempre tive uma relação próxima a ele. Antes da minha constituição principalmente, depois não consigo me lembrar mais...

ATOR: Isso, a constituição. Após a constituição também sinto ele mais distante.

DRAMATURGO: Pelo menos algo em comum. O que a constituição pode ter feito com Ele que acabou tendo como consequência o desaparecimento do Espectador?

ATOR: Eu me lembro de ver no Espectador uma inocência quase que infantil. O conceito de empatia que trouxe a vocês, foi ele quem o apresentou a mim. Não só a teoria, mas a prática.

DIRETOR: Claro, podemos dizer que a empatia está ligada ao “ato de espiar”...

DRAMATURGO: Mas nem todo espectador tem um olhar empático. Muitos são cruéis e não levam muitas coisas em consideração, muitos não pensam no sofrimento do ator, diretor ou qualquer um dentro do processo criativo...

ATOR: Sim, não levam em consideração porque eles têm apenas um ponto de vista, o resultado. Eles vêem o que temos a oferecer que é uma peça. Somos nós que temos consciência de que ela é o resultado de um processo, de convívios e relações. Para o Espectador tudo era muito mais simples, tudo se resumia a empatia, a sentir ou não o sofrimento, ou qualquer outra coisa que a peça nos busca mostrar.

DRAMATURGO: Simples...

DIRETOR: Dramaturgo, você não consegue lembrar nada sobre o Espectador?

DRAMATURGO: Simples... É isso. Foi o que a constituição fez com Ele. O transformou em Artista. Acabou tornando as coisas complexas para Ele, o

que não dava mais espaço para a existência de um espectador de natureza tão simples como é a do nosso Espectador. Respondendo sua pergunta Diretor, creio que não tenho lembranças do Espectador porque quando tomei consciência de fato, quando fui constituído, vocês dois, Ator e Diretor, já o haviam feito. Já era tarde demais.

ATOR: Tarde demais? Por quê? Para quê?

DRAMATURGO: Para o Espectador. Creio que nós mesmo o expulsamos. Provavelmente não têm mais volta. Quanto mais Artista Ele se tornava, mais matávamos o Espectador que existia dentro dele. Era ele, ou nós.

ATOR: Acho que respondemos a minha primeira pergunta errado. Sim, há algo que ele pode fazer que nós não.

DIRETOR: O quê?

ATOR: Apenas observar. A quanto tempo estamos aqui discutindo e analisando todos os pontos de vistas sobre nossos passados? Não conseguimos mais apenas observar aquilo que o outro se propõe a nos mostrar. Não conseguimos mais enxergar o simples.

DIRETOR: Não lembro da última vez que assistimos uma peça e imediatamente após o início a primeira coisa que vem as nossas cabeças não tenham sido críticas. Podem ser até construtivas, mas sempre viemos acarretados de críticas.

DRAMATURGO: Ele está morto. Matamos o Espectador que habita dentro dEle. O matamos por não saber mais ver as coisas através do olhos simples da empatia. Desde o momento que nos constituímos, não conseguimos olhar nada que não seja através dos nossos olhos de Dramaturgo, Ator ou Diretor. Fizemos com que o Artista desaprendesse a ser Espectador. Tiramos dele parte vital da nossa arte. Tiramos dele a possibilidade de ver uma peça pelo simples prazer de ver teatro.

ATOR: Mas não era isso que nós queríamos...

DIRETOR: Todas as ações levam a uma consequência, mesmo elas sendo inconsciente. Será que temos volta?

DRAMATURGO: Dessa vez, eu realmente não sei Diretor.

A chama fica cada vez mais instável. O tempo está prestes a acabar.

DRAMATURGO: Acho que nosso tempo está chegando ao fim...

DIRETOR: Conseguimos o que precisávamos?

ATOR: Ainda há tempo de não desistir?

DRAMATURGO: Sempre há tempo para se arrepender Ator, não se preocupe. Dessa vez não sei o que o futuro nos reserva. Na verdade sempre tive a impressão de saber o que o futuro nos reservaria, ou apenas a ilusão de saber por onde deveríamos ir. Aos poucos eu me pergunto do meu lugar aqui. Cada vez mais a resposta fica ambígua. Dessa vez, do futuro nada sei. Mas, por mais incrível que pareça, estou calmo.

A chama começa a oscilar tanto que a iluminação cessa e volta algumas vezes. Nesses intervalos de luz conseguimos enxergar quatro corpos, três mais próximos e um mais no fundo, que sempre esteve ali apenas observando.

EPÍLOGO

Novamente a mesa de escritório. Vários textos amassados e jogados pela mesa e pelo chão. Alguém escreve em frente a uma máquina de escrever, novamente.

ARTISTA: Escrevo as coisas que vem a minha mente. Escrevo minhas angústias de não ser mais eu. Junto diversas massinhas de modelar e as misturo até a um ponto que não se consigo mais ver os limites de uma cor ou outra. Fazendo isso, acabo criando uma nova cor? Não sei mais o que pensar. O mundo exige de nós genialidade, originalidade. Nunca fui original, muito menos genial. Não consigo falar, observar e refletir sobre coisas que estão além das minhas relações. É errado isso?

Assisti uma peça... Um monólogo. Um ator que também era seu diretor, produtor. Ele realizava todas as funções que se pode imaginar. Sozinho. Conversando ao final do espetáculo, ele me disse o quanto foi doloroso o processo de criação. Doloroso e solitário. A dor e o sofrimento estão intrínsecos a arte. Não acho isso um problema... Ou acho... Não sei.

As minhas relações estão esquisitas. Me sinto em conflito o tempo todo. Conflito comigo mesmo. Conflito com a classe. Conflito com o mundo. Mas será que esses conflitos podem acabar se tornando material de criação? Quem sabe escreverei uma peça sobre isso depois, mas agora não.

Agora quero escrever para o teatro e dizer: você nunca teve culpa! Ninguém nunca teve culpa. Você me faz falta e sempre vai fazer, mas às vezes precisamos nos afastar um pouco. Nem que seja para ver a importância que tem para a nossa vida. Hoje, desisto. Amanhã? Não sei... Do futuro, nada sei. Mas isso me acalma.

Teatro, não sei porque, mas sinto que hoje você está mais ardente do que nunca.

Até amanhã, novamente aqui, nesse mesmo lugar,

De um Ator-Artista.

REFERENCIAL TEÓRICO

BOGART, Anne. **A preparação do diretor: sete ensaios sobre arte e teatro.** Trad. VIANNA, Anna. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1ª edição. 1977.

Inside Out (Divertida mente). Produzido por Pixar Animation Studios. Lançado pela Walt Disney Pictures. Dirigido e co-escrito por DOCTOR, Pete. 2015.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique.** Trad. ROCHA, Pe. Dom Mateus Ramalho. Rio de Janeiro: Editora Vozes LTDA. 1986.

KIELING, Julia. **Sedimentos.** Não publicado. 2015.

MONAGHAN, Paul. ECKERSALL, Peter. BEDDIE, Melanie. **The Dramaturgies Project.** Realtime. Austrália: Melbourne. 2005.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro.** Trad. GUINSBURG, J. e PEREIRA, Maria Lúcia. São Paulo: Editora Perspectiva. 2008.

PEREIRA, Juliano da Silva. **Algumas reflexões sobre o conceito de empatia e o jogo de rpg no ensino de história.** Rio Grande do Norte. 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364641045_ARQUIV_O_ALGUMASREFLEXOESSOBREOCONCEITODEEMPATIAEOJOGODERPGNOENSINODEHISTORIA.pdf>. Acessado em: 26 de novembro de 2019.

ROMAGNOLLI, Luciana Eastwood; MUNIZ, Mariana de Lima. *Teatro como acontecimento convivial: uma entrevista com Jorge Dubatti.* **Urdimento - Revista de estudos em artes cênicas.** Santa Catarina. v. 2, n. 23. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102232014251>>. Acessado em: 28 de novembro de 2019.

Textos e materiais de GROTOWSKI, Jerzy e FLASZEN, Ludwik com um escrito de BARBA, Eugenio. Curadoria de FLASZEN, Ludwik e POLLASTRELLI, Carla com colaboração de MOLINARI, Renata. **O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969.** Trad. RAULINO, Berenice. São Paulo: Editora Perspectiva; SESC; Pontedera, IT: Fondazione Pontedera Teatro. 2007.